

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA

Josie Melissa Acelo Agrícola

Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí
Universidade Estadual de Goiás – Campus Jataí
Jataí - GO

Evandro César Clemente

Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí
Jataí - GO

Nestor Persio Alvim Agrícola

Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí
Jataí - GO

RESUMO: A principal inquietação deste trabalho é analisar como as mulheres que vivem no e do Cerrado desenvolvem, em seu cotidiano, saberes e fazeres elaborados na tradição camponesa em sua interação com o meio físico, no caso o Cerrado Utilizando-se de algumas técnicas como entrevista, Narrativa de Vida, Mapa Mental e observação das práticas desenvolvidas em sua rotina diária, investigamos uma mulher Cerradeira que vive no meio urbano de um município da Mesoregião Sul Goiano, visando identificar esses saberes e fazeres, suas origens, as formas como são transmitidos para outras gerações e ainda apreendermos os sentimentos de pertencimento ao Cerrado e de empoderamento da sujeita pesquisada. A mulher investigada possui vivências, interesses, experiências e relacionamento construídos a

partir da interação estreita com o bioma Cerrado.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes e fazeres tradicionais; Bioma Cerrado; Mulheres Cerradeiras

ABSTRACT: The main concern of this work is to analyze how the women living in the Cerrado and, in their daily lives, develop knowledge and practices elaborated in the peasant tradition in their interaction with the physical environment, in this case the Cerrado. Using some techniques such as interviews, Life Narrative, Mental Map and observation of the practices developed in her daily routine, we investigated a Cerradeira woman living in the urban environment of a municipality of the South Goian Meso-region, in order to identify these knowledge and actions, their origins, the ways they are transmitted to others Generations and also to seize the feelings of belonging to the Cerrado and the empowerment of the researched subject. The woman investigated has experiences, interests, experiences and relationships built from the close interaction with the Cerrado biome.

KEY-WORDS: Traditional Knowledge and Practices; Cerrado biome; Cerradeira Woman.

1 | INTRODUÇÃO

Áspera como a cortiça que envolve os troncos retorcidos dos arbustos *Cerradeiros*, é a própria historicidade que constituiu os povos tradicionais que habitam e se territorializaram sobre o bioma de Cerrado (SANTOS; MENDONÇA, 2009, p. 04).

Historicamente, o Brasil teve seu campo marcado pelo predomínio da grande propriedade, monocultura de exportação e trabalho escravo. Políticas públicas com foco no pequeno produtor de base familiar foram quase inexistentes. Os recursos governamentais sempre foram direcionados para os grandes produtores, sobretudo para a agricultura exportadora e para culturas que servem de matérias primas para a agroindústria. A partir dos anos 1970, a expansão do padrão produtivo capitalista nas áreas do Cerrado levou famílias a deixarem o campo para se instalarem nas cidades.

Tal processo se deu de modo bastante pronunciado na Mesorregião Geográfica do Sul Goiano, que apresenta forte presença de agroindústrias, da produção capitalista de grãos e cana de açúcar e criação de gado bovino. Porém, é possível verificar a luta de trabalhadores rurais e camponeses para retornar à terra por meio das ocupações de terra e observar algumas práticas camponesas em simbiose com o rural e com o bioma Cerrado na periferia das cidades e, claro, nos assentamentos já instalados.

Assim, os denominados povos Cerradeiros seguem (re)criando/(re)inventando estratégias, práticas e costumes que se estruturam e se fundamentam nas tradições culturais construídas e realizadas na interação com os elementos do Cerrado e que, apesar da expansão da agricultura capitalista, ainda são mantidas e utilizadas nas rotinas diárias dessas famílias. Esses conhecimentos integram o quadro geral de saberes e fazeres socialmente desenvolvidos, sendo as mulheres de fundamental importância para a manutenção dessas tradições e transmissão destes, uma vez que esses saberes são tradicionalmente reproduzidos e praticados no interior e nos arredores das residências, na esfera familiar.

O Cerrado constitui-se numa fração do território que abriga atividades que utilizam dos elementos que ele fornece para a produção de alimentos, artesanatos, remédios, práticas de rezas e curas, criação de animais e festas religiosas. Refletir sobre os saberes e fazeres das mulheres do Cerrado, seus cuidados com a terra, a busca por sua soberania e empoderamento, a manutenção dos conhecimentos e práticas culturais, mesmo diante do sistema capitalista, fortalece sua relação com o bioma, divulga a importância desses conhecimentos e promove condições de alcance do empoderamento dessas mulheres, historicamente marginalizadas e reprimidas pela comunidade e pela família tradicionalmente patriarcal.

2 | O CERRADO TERRITÓRIO: TRABALHO E MARGINALIZAÇÃO SOCIAL

O conceito de território e suas derivações, no sentido da morfologia da palavra, (territorializar, territorialidades, territorialização) são utilizados em diversas ciências.

São inúmeras as dis/concordâncias entre os variados autores que trazem os conceitos à tona.

Segundo Haesbaert (2002), o conceito de território é bastante utilizado na geografia e em outras ciências, especialmente aquelas que relacionam populações tradicionais e sua proximidade com o espaço e a natureza. Ao pensar em território, imediatamente se imagina espaço, porém, a relação entre o espaço e a apropriação social é necessária. Seguindo ainda com a tentativa de elucidar o que compreende território, Porto Gonçalves (2002) afirma que território não é somente um espaço com recursos naturais e uma população. O autor afirma que esses elementos constituem o Estado. Para ele, território é uma categoria.

Para Mazzetto Silva (2006), o território é um espaço geográfico apropriado e essa apropriação representa a territorialização de uma população, que, a partir do momento em que se enseja identidades, criam territorialidades. Essa tríade território-territorialidade-territorialização é, segundo o autor, dinâmica e mutável, materializando-se, em cada momento, uma nova ordem.

A sociedade se territorializa sendo o território sua condição de existência material [...] os homens e mulheres só se apropriam daquilo que faz sentido, só se apropriam daquilo a que atribuem uma significação e, assim, toda apropriação material é ao mesmo tempo simbólica (PORTO GONÇALVES, 2002, p. 11).

Para Augé (1994), os lugares são não lugares na medida que eles são apenas suporte da exploração mercantil. Milton Santos (2002, p. 10) corrobora esse posicionamento ao afirmar que:

O território é o chão mais a identidade, a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, o território é o ajuntamento do trabalho, o lugar das residências, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Esse sentimento de pertencimento ao território, que reafirma nosso posicionamento de que os povos Cerradeiros foram expropriados e não desterritorializados de suas terras. Seguiremos na pesquisa referida com a intenção de investigar a mulher Cerradeira em sua residência urbana e sua interação com o Cerrado.

3 | MULHERES CERRADEIRAS E SABERES NO TERRITÓRIO CERRADO

Refletir sobre os saberes e fazeres das mulheres do Cerrado, seus cuidados com a terra, a busca por sua soberania e empoderamento, a manutenção dos conhecimentos e práticas culturais, mesmo diante do sistema capitalista, fortalece sua relação com o bioma, divulga a importância desses conhecimentos e promove condições de alcance do empoderamento dessas atrizes, historicamente marginalizadas e reprimidas pela comunidade e pela família tradicionalmente patriarcal.

Mendonça (2004, p. 325) considera que:

[...] Povos Cerradeiros não é o atributo de quem nasce nas áreas de Cerrado, ou seja, não é um “atributo do território”. A condição de ser cerradeiro implica na

compreensão da relação simbiótica do ser social com a natureza, como um ser uno, sem estabelecer as dicotomias e os dualismos impostos pela racionalidade iluminista e mais tarde científica.

O modo de produção hegemônico vigente, o capitalismo, busca produzir estritamente mercadoria, esteriliza a terra, distancia a mulher dos seus conhecimentos, de sua relação com a terra, como também de sua capacidade criativa e afetiva, tendendo a torná-la assalariada, seja no campo ou na cidade. O desafio deste trabalho é encontrar no território do Cerrado brasileiro, mulheres que resistem e desempenham suas práticas tradicionais, culturais e materiais de reprodução sociocultural da vida e da família, quais práticas desempenham, qual o significado dessas atividades para elas, seja do ponto de vista social, cultural, afetivo e econômico.

Até a primeira metade do século XX, o Cerrado carecia de interesse econômico e estético. Somente a partir da década de 1930 iniciou-se no Brasil a concretização de Políticas Públicas voltadas para a expansão da fronteira agrícola e o crescimento do povoamento no Planalto Central Brasileiro. O Cerrado começa a entrar na arena de discussão e interesse nacional (LIMA; CHAVEIRO, 2010, p. 75).

Essa inserção no cenário nacional provocou ainda mais os olhares gananciosos que, munidos de tecnologia, capital, incentivos governamentais promoveram a retração do Cerrado, levando a agricultura capitalista para terras da Floresta Amazônica.

Sob o olhar (des)atento de sucessivos governos e até mesmo dos pesquisadores, o Cerrado tem se tornado um território do ponto de vista literal e simbólico: Ser-ra-do. Nele, todo o potencial existente tem sido objeto de uma captura pela ótica política, social, econômica e cultural. Capitalizado e territorializado e, contraditoriamente reverenciado, o Cerrado tem se tornado pano de fundo de discursos ambientais, paisagísticos, gastronômicos, dentre outros (LIMA; CHAVEIRO, 2010, p. 77).

O trabalho feminino no campo, muitas vezes não é visto como uma atividade que gera riqueza. O trabalho das mulheres camponesas não aparece e nem é valorizado como o dos homens. Em sua grande maioria, não são elas que vão à cidade negociar a produção ou aos bancos definir linhas de créditos, porém, além do trabalho doméstico, sua participação no plantio e na colheita é sempre bastante efetiva, além dos cuidados com as hortas, pequenos animais, como porcos e galinhas, o plantio de ervas medicinais, o extrativismo e o artesanato que geram renda extra, cuidados e subsistência (SALES, 2007).

O sentimento da mulher Cerradeira para com o território Cerrado não é de ter, de possuir o Cerrado, e sim de ser. Esse ser do Cerrado que justifica não uma desterritorialização dessas mulheres quando são expulsas do meio rural e vão para as cidades, e sim uma expropriação, uma vez que ao perder a posse da terra, ainda resta nelas o sentimento de pertencimento, não de que o Cerrado a elas pertence, e sim de que elas são do Cerrado. Para Lima e Chaveiro (2010, p. 79), “Esse contexto nos lembra que o movimento rumo as cidades deu-se num tempo não tão distante, mas seu fluxo contínuo aponta que o modelo de desenvolvimento adotado no país territorializa o capital no campo e os sujeitos na cidade”.

Os saberes e fazeres das mulheres Cerradeiras são adaptados por anos

de observação e conhecimentos da natureza. São práticas que se adaptam e se redesenham conforme as necessidades.

Entende-se que qualquer estudo e/ou pesquisa que abordar este tema terá que considerar a importância da construção de uma leitura do Cerrado a partir do material e do imaterial, considerando as práticas socioculturais como fundantes no processo de apropriação do espaço e, conseqüentemente, na produção dos territórios (MENDONÇA; PELÁ, 2010, p. 02).

As aberturas de novas terras e a agricultura capitalista extinguiram milhares de povos Cerradeiros, pela fome, doenças e até mesmo assassinatos. Tribos indígenas inteiras foram exterminadas, restando a este trabalho de pesquisa o resgate das histórias e rotinas tradicionais das mulheres Cerradeiras e sua divulgação como tentativa de minimizar, ainda que timidamente, a dívida que nos cabe.

4 | MULHER CERRADEIRA: NARRATIVAS DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

A partir de relatos de uma história de vida, contada por Dona Livertina, apelidada de “Dona Preta”, por ser a mais negra das irmãs, de registros de fotografias de sua rotina diária e de fragmentos de uma entrevista realizada, temos a seguir o que podemos considerar um retrato de uma mulher Cerradeira, de 92 anos, ainda cheia de vida e de histórias pra contar.

Nascida e criada no interior de Goiás, foi proprietária de pequena porção de terras nessa região. Desde criança, aprendeu com sua mãe e tias os saberes tradicionais. Fazer remédios com ervas nativas do Cerrado. Criar animais para alimentação. Rezas e partos. São Saberes e Fazeres que ela não pôde passar para suas gerações descendentes pois estes não quiseram aprender. Mas, ela, sobrevivendo com a pouca estrutura que tinha, PORÉM, com esses conhecimentos adquiridos, criou seus nove filhos, utilizando dos saberes e da pouca terra que possuía.

Dona Preta aponta com orgulho cada plantinha que tem no espaço apertado do quintal onde ela cultiva as ervas medicinais. Questionada sobre as plantas cultivadas e a confecção dos chás e remédios, ela nos relatou:



uai, eu planto, assim remédio de horta, eu planto.

Eu planto artelã. Puejo, deixa eu ver... erva cidreira... deixa eu ver o que mais que eu tenho plantado... sabugueiro eu já falei né? Sabugueiro, erva cidreira, puejo, artelã

Eu faço os chá.

ah, isso aí, minha fia, é fácil demais. Cê panha o ramo, põe lá na caçarola frevê, põe um pouquinho de açúcar. Ai cê põe, se quiser por um azeitim. Se for pra criança né? Se quiser por uns pinguim de azeite cê põe. E bãoooo, a criança pode tá doente o tanto que tivê, se cê fizê um chazim desse e por uns pinguim de azeite, no outro dia ele amanhece bãozim.

Fotografia 1 – Dona Preta aponta para suas ervas em um estreito pedaço de terra

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Autora: Josie Melissa Acelo Agrícola

Do outro lado do terreno não pode plantar nada, segundo ela, porque as galinhas comem tudo. Mas ela diz que ali tem as plantas mais importantes para os chás e também para benzer crianças quando precisa. Indagada sobre como aprendeu a usar cada planta, ela conta como adquiriu este conhecimento:

É porque de certo é a entiguidade, né? Porque eu sou das antigas... né? deve ser, porque oceis hoje, muitos remédios, ceis num sabe pra que que vale, né?

Ahhhhh eu sei de tudo minha fia. Faz um chazim de folha de laranja, cê põe uns pinguim de azeite, dá pra uma criança... uma hortelã...

Pergunto a ela se ela ainda cria animais para alimentação, e ela se recorda do passado de faturas em que morava no meio rural.

Não, agora não crio mais não. Lá entra enxurrada. Já aconteceu de chegar 6 galinha. 03 morta e 03 do pescoço espichado, porque entrou enxurrada. Porque a água num tem jeito de sair pra lá por causa do muro. Aí eu larguei de mão de criar.

Josie: Mas, a senhora já criou muita galinha, né?

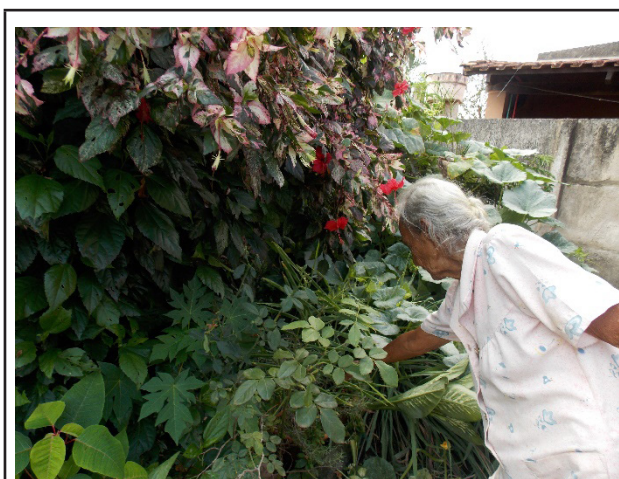
iiii já criei muita galinha.

eu criava, as vezes assim, 12 franguim numa galinha só. 10, 08, 06, mas menos eu não gostava de deixar, porque acupa o tempo da galinha né e não dá resurtado.

Porco eu já mixi com porco também. Já criei porco.

Nas roças né? Iii criava porco, engordava aqueles capadão assim...

Orgulhosa, ela nos contou como faz o azeite que coloca nos chás:



o azeite serve pra muita coisa. Nossa, o azeite... só que não usa mais tomá o azeite. Usa nem fazer.

A gente panha as mamona, põe lá no terreiro até ela arreventá. Depois que ela arreventa, cê pega ela e cata ela bem catadinha, torra ela, e soca no pilão. Aí cê põe uma caçarola com água no fogo, e põe aquela pelota de massa na caçarola sabe? Aí ela vai esquentando a água e vai subindo o azeite pra cima.

Aí a gente espera a água secá. Na hora que sobrá só a borra, o azeite fica por cima. Aí cê pega a caçarola vai com uma colher assim e tira o azeite puurinho, minha fia. Ai você já pode tirar ele e por numa vasilha pra cê poder por numa garrafa.

Fotografia 2 – Dona Preta mostra as ervas que possui em seu quintal.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Autora: Josie Melissa Acelo Agrícola

Quando pergunto a ela se ela tem a prática de benzer, ela se entristece e diz:

Agora o povo nem num traz criança pra gente benzê mais, né? Parece que não tem minino de benzê mais. Mas já benzi demais de quebrante. Só uma benção que nunca aprendi fazer: vento virado.



A minha mãe num me ensinou, né? A benzê de vento virado. Benzê de vento virado, pega, vira os pezim dos bichim e faz uma cruz lá na porta, sabe? Três vezes.

Ah o quebrante é muito simples, né? O quebrante cê panha 3 ramim verde, e reza Crê em Deus Pai, Padre Nosso e uma Ave maria e pronto.

Foi minha mãe.

Ela era benzedeira. Minha mãe benzia de quebrante, zipela, cobreiro, vento virado.

Fotografia 3 – Dona Preta mostra com as mãos como faz com os pés da criança para benzer de vento virado.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Autora: Josie Melissa Acelo Agrícola

Ela reclama que já não consegue cuidar de tudo. Que fica sujo e ela não aguenta mais varrer, abaixar e pegar peso como antes. Segundo ela, o terreno que não é dela, é de uma filha, que recebe propostas de venda toda hora, porque é muito bem localizado. Ela diz que a filha não vende, mas que ela já não faz mais o que gostaria de fazer, que ali já criou muita galinha, agora não cria mais.



Fotografia 4 – A vista cansada alcança o quintal.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Autora: Josie Melissa Acelo Agrícola

Na hora de fazer o mapa mental, D. Preta reclama e diz que não quer fazer. Segundo ela, nunca pegou numa caneta, nunca foi à escola. Indagada de como fazia com as letras e números, ela diz que sabe qual número é muito e qual é pouco. Ela afirma que sabe pelas idades dela, dos filhos e netos, quem tem muita idade e quem tem pouca.

Em seu mapa mental, D. Preta indica o “barracão” onde mora atualmente e nele insere algumas plantas, que segundo ela são boas para curar gripe, dor de garganta e essa “doraiada” no corpo que as gripes dão. Fui indicando pra ela trocar as cores dos giz de cera, mostrando, em um papel de rascunho, que tinha o verde e o vermelho para as plantas e para pintar as flores do Beijo que ela disse que estava desenhando. Ela trocou as cores, mas logo parou de desenhar. Disse que não gosta de lápis e caneta.



Fotografia 5 – Dona Preta realizando seu mapa mental.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Autora: Josie Melissa Acelo Agrícola

Pergunto a ela quantos filhos ela tem e essa conta ela faz nos próprios dedos, quando sua face se entristece e ela conta do filho que perdeu com 16 anos.

Netos e bisnetos ela não sabe fazer a conta, mas abre o sorriso pra contar de sua tataraneta. E orgulhosa repete a frase abaixo e me explica seu significado, dizendo que sua neta já tem uma neta.

E eu já posso falar: minha neta dê cá sua neta.

Sobre os partos e parteiras, ela viaja contando de um dos partos que teve e também que sua mãe era experiente parteira.

Eu só criei em casa. E foi minha saúde, minha fia. Os doutor hoje fala pra mim que a minha riqueza foi eu criá os fio todos em casa. Nunca tomei uma injeção pá criá os fio não, mas quase murria. Você já sofreu dor de Parto?

eeeeee minha fia, uma dor de parto, diz que é a dor da morte,

Tinha parteira. Uma parteira e minha mãe. Minha mãe era parteira das boa, né. Aí ela cansou do tanto que eu sofri. Ela cansou de cuidar de mim e arrumou uma tal pra cuidar de mim lá. Ajudar o neném a nascer né?

*Eu nunca quis aprender a fazer parto. Ah, eu tenho muita dó. O sofrimento de uma coitada que vai cria normal em casa, é sofrimento demais. E ocê não sabe se aquele neném tá *direitim* lá dento, né? Agora aquelas assistente prática, sabe. Elas virá o *mininu dentro da gente, minha fia. Vira um remelexo na barriga da gente de jeito que se o mininu tive com a cabeça pra cá, elas virá o mininu com a cabeça pra baixo. Ele nasce certim com a cabeça.**

Perguntei a ela se ela se acha forte, guerreira e ela disse que sim, que lutou demais e venceu muita coisa. Que passou por muita coisa difícil nessa vida.

Ela conta que no passado morava longe da cidade e os recursos eram poucos, mas naquela época ela se sentia mais proprietária do seu pequeno terreno e empoderada, ao contrário de hoje que se sente agredida e privada de seu próprio querer. Ao contrário do passado de Dona preta e seu modo de vida artesanal, o modelo de produção o vigente, busca produzir estritamente mercadoria, esteriliza a terra, distancia a mulher dos seus conhecimentos, de sua relação com esta, como também de sua capacidade criativa e afetiva.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Povo Cerradeiro, Mulher Cerradeira. Povo julgado, estereotipado, expropriado. De suas terras para terras sem terras. De suas casas para casas sem terras. De suas plantações para moitas entre pedras. De seu Cerrado para sua vida Serrada.

Revolução industrial, sistema econômico capitalista, agronegócio, desenvolvimento sustentável, revolução verde, exploração dos recursos naturais e no fim dessa corrente “pró-progresso” a exclusão social e extinção de saberes e fazeres tradicionais do Cerrado. Não há outra forma de ultimar esse texto pelo que tem mostrado a história. Observa-se o fim ou o início do fim de uma forma de relação entre o empregado e o empregador, entre o produtor e o “semi-escravo” trabalhador, entre o lavrador e o grande latifundiário, e mais, entre a cultura e a tradição e seu personagem principal e se faz necessário a busca por formas de relação que se façam sustentáveis. Não, pela simples ideia de que é uma mudança social, mas sim uma mudança de comportamento necessária e urgente à manutenção de uma forma racional de uso da natureza.

Entre sofrimentos, aprendizado e luta esse povo existiu e resistiu, até que o capital insistiu. Algumas famílias vivem ainda entre chapadões e vales, outras estão na cidade entre cimento e carros. Em alguns a tradição se foi, junto com a alegria de viver entre cheiros e sombras. Em outros a tradição persiste, talvez não com tantas alegrias, mas com boas lembranças. Falar com Dona Preta e assistir a um filme antigo. Seus olhos pequenos, coberto por uma pele branca fixam-se em um ponto e o que se percebe é que somente seu corpo está ali. Sua mente viaja para um passado que foi

feliz e com suas próprias palavras diz “farturento” indicando que depois dali muita falta passou.

Fica a reflexão e o medo de que se perpetue o refrão de Geraldo Vandré: “pelos campos a fome, em grandes plantações.”

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc.. **Não-lugares**. Campinas: Papirus, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de Território para Entender a Desterritorialização**. In: Território Territórios. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO-UFF/AGB, p. 17 a 38. 2002.

LIMA, Sélvia Carneiro de; CHAVEIRO, Eguimar. **O Cerrado Goiano sob Múltiplas Dimensões: um território perpassado por conflitos**. Espaço em Revista. UFG. vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 – 83.

MAZZETTO SILVA, Carlos Eduardo. **Os Cerrados e a sustentabilidade: Territorialidades em Tensão**. 2006. Tese. (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Ordenamento Territorial e Ambiental. Universidade Federal Fluminense – RJ, 2006.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no capital do Sudoeste goiano**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós- Graduação em Geografia - UNESP - Presidente Prudente - SP, 2004.

MENDONÇA, Marcelo Mendonça; PELÁ, Márcia; Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Dênis. (orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia, Editora Vieira, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. (2002). **Da Geografia às Geo-grafias: um Mundo em busca de novas territorialidades**. In: CECEÑA, Ana Esther e SADER, Emir (coords.). La Guerra Infinita: hegemonia y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO. 2002.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos**. Estudos Feministas. Florianópolis, p. 437-443, ago. 2007. **Território e Dinheiro**. In: **Território Territórios**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO-UFF/AGB, p. 9 a 15.

SANTOS, Rodrigo dos; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **Antes de tudo um forte: a existência e (re) existência dos povos Cerradeiros frente as tramas do capital**. Niteroi-RJ. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Rodrigo%20dos%20Santos.pdf>> Acesso em 28 de maio de 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EdUSP, 2002

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

